

ADVERTÊNCIA

O discurso que aqui transcrevemos sobre a história da literatura do Brasil saiu pela primeira vez impresso em 1836 no Niterói, Revista Brasiliense, e o destinávamos a servir de introdução a uma obra com esse título, da qual mais alguns artigos apareceram depois em uma folha periódica do Rio de Janeiro; trabalho que empreendemos no entusiasmo da juventude com o fim de chamar a atenção da mocidade brasileira para o estudo dos documentos esquecidos da nossa limitada glória literária e excitá-la ao mesmo tempo a engrandecê-la e revelá-la com novos escritos originais, que mais exprimissem nossos sentimentos, religião, crenças e costumes, e melhor revelassem a nossa nacionalidade.

Tivemos a fortuna de ver bem depressa realizar-se a nossa patriótica ideia, não obstante a fraqueza do órgão juvenil que a proclamava. A originalidade do engenho brasileiro apareceu logo com todo brilho nas inspirações dos senhores Porto-Alegre, Gonçalves Dias, Dr. Macedo, Teixeira e Sousa, Norberto da Silva e de tantas outras felizes inteligências, e completadas foram as nossas indagações históricas com os importantes trabalhos do já mencionado Sr. Norberto e do Dr. Fernandes Pinheiro, e não menos com os belos elogios históricos e muitas notícias biográficas que o incansável Sr. Dr. João Manuel Pereira da Silva publicou nos seus *Varões ilustres do Brasil durante os tempos coloniais*.

Ultimamente um sábio filólogo alemão, o Dr. Ferdinand Wolf, conhecedor profundo da literatura dos povos de origem latina, notando o extraordinário desenvolvimento da nossa nestes últimos tempos, pela quantidade de obras desconhecidas na Alemanha que a Comissão Científica da Fragata Novara levou do Brasil a Viena,

encarregou-se de mostrar à Europa no seu *Brasil Literário*¹ que já possuímos uma literatura própria, que pelo seu caráter especial se distingue da portuguesa. Esta obra escrita com toda a imparcialidade de um juiz tão idôneo como competente é o mais seguro e completo guia nesta matéria tanto aos nacionais como aos estrangeiros.

¹¹ Le Brésil Littéraire, Histoire de la Littérature Brésilienne, suivie d'un choix de

DISCURSO SOBRE A HISTÓRIA DA LITERATURA DO BRASIL

Domingos José Gonçalves de Magalhães

I

A literatura de um povo é o desenvolvimento do que ele tem de mais sublime nas ideias, de mais filosófico no pensamento, de mais heroico na moral, e de mais belo na natureza; é o quadro animado de suas virtudes e de suas paixões, o despertador de sua glória, e o reflexo progressivo de sua inteligência; e quando esse povo, ou essa geração, desaparece da superfície da terra com todas as suas instituições, crenças e costumes, escapa a literatura aos rigores do tempo para anunciar às gerações futuras qual fora o caráter e a importância do povo do qual é ela o único representante na posteridade. Sua voz como um eco imortal repercute por toda parte e diz: em tal época, debaixo de tal constelação e sobre tal ponto do globo existia um povo, cuja glória só eu a conservo, cujos heróis só eu os conheço; vós porém se pretendeis também conhecê-lo, consultai-me, porque eu sou o espírito desse povo e uma sombra viva do que ele foi.

Cada povo tem sua literatura própria, como cada homem seu caráter particular, cada árvore seu fruto específico; mas essa verdade incontestável para os primitivos povos, algumas modificações contudo experimenta entre aqueles cuja civilização apenas é um reflexo da civilização de outro povo. Então, como nas árvores enxertadas, veem-se pender dos galhos de um mesmo tronco frutos de diversas espécies, e posto que não degenerem muito os que do enxerto brotaram, contudo algumas qualidades adquirem dependentes da natureza do tronco que lhes dá o nutrimento, as quais os distinguem dos outros frutos da mesma espécie. Em tal caso marcham a par as duas literaturas, e distinguir-se pode a indígena da estrangeira.

Em outras circunstâncias, como as águas de dois rios que em um confluente se anexam, as duas literaturas de tal jeito se aliam que impossível é o separá-las. A Grécia, por exemplo, tinha uma literatura que lhe era própria, que explica suas crenças, sua moral, seus costumes, uma literatura toda filha de suas ideias, uma literatura enfim toda grega.

A Europa de hoje, ou tomemos a França, ou a Inglaterra, ou a Itália, ou a Espanha, ou Portugal, apresenta o exemplo da segunda proposição. Além da literatura que lhe é própria, dessa literatura filha de sua civilização, originária do cristianismo, nós aí vemos outra literatura, que chamamos enxertada, e que não é mais do que uma lembrança da mitologia antiga e uma recordação de costumes que não são seus; e não só as duas literaturas marcham a par, como muitas vezes o mesmo poeta se vota à cultura de ambas, e, como diz Tassoⁱ falando do mágico Ismenoⁱⁱ,

Anzi soventi in uso empio e profano

Confonde le due leggi a se mal note.ⁱⁱⁱ

Para prova da terceira proposição, no caso em que as literaturas de tal modo se mesclam, que não é possível separá-las, vemos na literatura romântica da Espanha uma mistura de ideias cavaleirescas e arábicas, restos da antiga civilização dos árabes; algumas vezes se ela é cristã na sua matéria, é árabe quanto à forma.

Mas não são estas as únicas modificações que entre os diversos povos experimenta a literatura; outras há que da natureza mesmo do homem, da civilização e do progresso dependem; porque seja qual for a modificação que sofra a literatura, há sempre algum acordo entre ela e as circunstâncias peculiares e temporárias do povo a que pertence e da inteligência que a produz. Assim a literatura é variável como são os séculos; semelhante ao termômetro, que sobe e desce segundo o estado da atmosfera.

Por uma espécie de contágio uma ideia lavra às vezes entre os homens de uma mesma época, reúne-os todos em uma mesma crença, seus pensamentos se harmonizam, e para um só fim tendem. Cada época representa então uma ideia que marcha escoltada de outras que lhe são subalternas, como Saturno rodeado dos seus satélites; essa ideia principal contém e explica as outras ideias, como as premissas no raciocínio contêm e explicam a conclusão. Essa ideia é o espírito, o pensamento mais íntimo de sua época, é a razão oculta dos fatos contemporâneos.

A literatura abrangendo grande parte de todas as ciências e artes e sendo ela filha e representante moral da civilização, é mister um concurso de extensos conhecimentos para se poder traçar a sua história geral ou particular, e não perder-se de vista a ideia predominante do século, luminoso guia na indagação e coordenação dos fatos, sem o que a história é de pouco valor e seu fim principal iludido.

Aplicando-nos agora especialmente ao Brasil, as primeiras questões que se nos apresentam são: qual é a origem da literatura brasileira? Qual é o seu caráter, seus progressos e que fases tem tido? Quais os que a cultivaram e quais as circunstâncias que em diversos tempos favoreceram ou tolheram o seu florescimento? É, pois, mister remontar-nos ao estado do Brasil depois do seu descobrimento, e daí pedindo conta à História e à tradição viva dos homens de como se passaram as cousas, seguindo a marcha do desenvolvimento intelectual, e pesquisando o espírito que a presidia, poderemos apresentar, senão acabado, ao menos um verdadeiro quadro histórico da nossa literatura.

Mas antes de encetar a matéria uma consideração aqui nos demora e pede o caso que a explanemos. Lugar é este de expormos as dificuldades que na execução deste trabalho encontramos. Aqueles que alguns lumes de conhecimentos possuem relativos à nossa literatura, sabem que mesquinhos e esparsos são os documentos que

sobre ela se pode consultar. Nenhum nacional, que o saibamos, ocupado se tem até hoje de tal objeto. Dos estrangeiros Bouterwech, Sismonde de Sismondi, e Mr. Ferdinand Denis² alguma coisa disseram. O primeiro apenas conhecia Cláudio Manuel da Costa, de quem alguns extratos apresenta; o segundo inteiramente se pauta pelo primeiro e a menção que faz de alguns brasileiros fora mesmo excluída do plano da sua obra sobre a literatura do Meio-Dia da Europa³, se nela não entrasse como um apêndice à história da literatura portuguesa. No *Resumo da história literária de Portugal e do Brasil*, por Mr. Ferdinand Denis, posto que separadas estejam elas, e por ventura mais extenso desenvolvimento ofereça a segunda, contudo basta um lance de olhos para ver-se que ainda está longe de ser completa, servindo apenas para dar uma ideia a estrangeiros.

Eis tudo o que sobre a literatura do Brasil se tem escrito até hoje; se só por isso nos guiássemos, na impossibilidade em que ficaríamos de nada poder acrescentar, teríamos preferido traduzir esse pouco, o que de nada serviria para a História. Empenhados em dar alguma coisa mais meritória, começamos por estudar a nossa história, e desde aí encontramos grandes embaraços para o nosso escopo. Necessário nos foi a leitura do imenso trabalho biográfico do abade Barbosa⁴, para podermos achar por acaso aqui e ali o nome de algum brasileiro distinto no meio dessa aluvião de nomes colecionados às vezes com bem pouca crítica. Ainda assim convinha

² Friedrich Bouterweck, na sua *História da poesia e da eloquência portuguesa* (1805), bem como Simonde de Sismondi, no segmento dedicado a Portugal da sua obra (parte final do volume 4) *Sobre a literatura do meio-dia da Europa* (1813), tratam os escritores nascidos no Brasil como representantes da literatura portuguesa, o que seria de esperar-se, naturalmente, no caso de trabalhos produzidos antes de 1822. Já Ferdinand Denis, publicando seu ensaio após essa data – em 1826 –, propõe a autonomia da literatura brasileira, ocupando-se dela numa parte específica do ensaio, como se depreende já do seu título, a indicar que se trata na verdade de dois estudos justapostos num só volume: *Resumo da história literária de Portugal*, seguido do *Resumo da história literária do Brasil*.

⁴ Na Biblioteca lusitana (1741-1759), como é natural, por tratar-se de obra muito anterior ao processo político que levaria à independência brasileira, os autores nascidos no Brasil são considerados no mesmo plano dos demais, isto é, como se portugueses fossem, o que na verdade eram, sob um ponto de vista jurídico e político. Barbosa Machado (1752, v. 3), assim, limita-se a indicar o local de nascimento deles, dizendo, por exemplo, que Botelho de Oliveira “nasceu na cidade da Bahia, capital da América Portuguesa” (p. 199), do mesmo modo que informa haver Camões nascido em “Lisboa, princesa de todas as cidades de Portugal” (p. 70), sendo ambos, portanto, naturais de duas cidades do mesmo país.

ler suas obras; eis aí uma quase insuperável dificuldade. Embalde por algumas delas, de que tínhamos notícia, investigamos todas as bibliotecas de Paris, de Roma, de Florença, de Pádua e de outras principais cidades da Itália que visitamos; foi-nos preciso contentar-nos com o que pudemos obter. Acresce mais que dos nossos primeiros poetas até ignoramos a época do seu nascimento, que tanto apreço damos nós aos grandes homens que nos honram, desses homens cuja herança é hoje nossa única glória. Essa dificuldade já foi reconhecida pelo ilustre editor do *Parnaso Brasileiro*⁵, cujo trabalho tão digno de louvor muito serviu-nos. Enfim, depois de um longo e enfadonho estudo, vimo-nos quase reduzidos, sem outro guia mais que o nosso próprio juízo, a ler e analisar os autores que pudemos obter, esperando que o tempo nos facilite os meios para o fim a que nos propomos.

Todos esses trabalhos e obstáculos mencionamos não com o fito de realçar o mérito deste bosquejo, mas sim para merecer desculpa das muitas faltas e penúrias que se notem e outrossim para que, à vista de tal incúria e mendiguez, mais zelosos sejamos em pesquisar e conservar os monumentos de nossa glória para a geração futura, a fim de que não nos exprobre o nosso desmazelo e de bárbaros nos não acuse, como com razão o poderíamos fazer em relação aos nossos maiores.

Nós pertencemos ao futuro, como o passado nos pertence. A glória de uma nação que existe ou que já existiu não é senão o reflexo da glória de seus grandes homens. De toda a antiga grandeza da pátria dos Cíceros e dos Virgílios apenas nos restam suas imortais obras e essas ruínas que tanto atraem os olhos do estrangeiro e no meio das quais a moderna Roma se levanta e se enche de orgulho. Que cada qual se convença do que diz Madame de Staël: - "A glória

⁵ O falecido cônego Januário da Cunha Barbosa.

dos grandes homens é o patrimônio de um país livre; depois que eles morrem todos participam dela”.

O aparecimento de um grande homem é uma época para a História; e semelhante a uma jóia preciosa, que só possuímos quando podemos possuí-la, o grande homem jamais se apresenta quando o não merecemos. Ele pode existir no meio de nós sem ser conhecido, sem se conhecer a si mesmo, como o ouro nas entranhas da terra, e só espera que o desencavem para adquirir o seu valor; e a incapacidade, que o desconhece, o anula. Empreguemos os meios necessários, e teremos grandes homens. Se é verdade que a recompensa anima o trabalho, a recompensa do gênio é a glória; e segundo um belo pensamento de Madame de Staël: - “O gênio no meio da sociedade é uma dor, uma febre interior que se deve tratar como verdadeira moléstia, se a recompensa da glória lhe não adoça as penas”.

II

O Brasil, descoberto em 1500, jazeu três séculos debaixo da cadeira de ferro em que se recostava um governador colonial com todo o peso de sua insuficiência e de seu orgulho. Mesquinhas intenções políticas, por não dizer outra coisa, ditavam leis absurdas e iníquas que entorpeciam o progresso da civilização e da indústria. Os melhores engenhos em flor morriam, faltos desse orvalho protetor que os desabrocha. Um ferrete ignominioso de desaprovação, gravado na fronte dos nascidos no Brasil, indignos os tornava dos altos e civis empregos. Para o brasileiro, no seu país, obstruídas e fechadas estavam todas as portas e estradas que podiam conduzi-lo à ilustração. Uma só porta ante seus passos se abria; era a porta do convento, do retiro e do esquecimento! A religião lhe franqueava essa porta; a religião a fechava sobre seus passos, e o sino que o chamava ao claustro, anunciava também sua morte para o mundo. O

gênio em vida sepultado, cercado de místicas imagens, apenas saía para catequizar os índios no meio das matas virgens, ou para pregar aos colonos nos dias de repouso as verdades do evangelho. Mas em vão; as virtudes do cristianismo não se podiam domiciliar nos corações desses homens encharcados de vícios, e tirados pela maior parte dos cárceres de Lisboa, para vir povoar o Novo Mundo. Deus nos preserve de lançar o opróbrio sobre ninguém. Era então um sistema o de fundar colônias com homens destinados ao patíbulo; era basear uma nação nascente sobre todas as espécies de vícios e de crimes. Tais homens para os seus próprios filhos olhavam como para uma raça degenerada, e inepta para tudo. Quanto aos índios, esses infelizes perseguidos eram a ferro e fogo, como se fossem animais ferozes; nem eles em outra categoria eram considerados pelos seus arrebanhadores. Sabe-se que necessário foi que uma bula do Papa Paulo III os declarasse verdadeiros homens e capazes por isso da fé de Cristo; sem o que talvez os europeus os houvessem de todo exterminado! Da barbaridade de tais homens traça Simões de Vasconcelos um quadro bem triste, dizendo: "Os portugueses que ali já estavam e começavam a povoar esses lugares, viviam a modos de gentios; e os gentios com o exemplo destes iam fazendo menos conceito da lei de Cristo: e, sobretudo, que viviam aqueles portugueses de um trato vilíssimo, salteando os pobres índios, ou nos caminhos, ou em suas terras, servindo-se deles, e avexando-os contra todas as leis da razão." E mais abaixo diz ainda: "Viviam (os portugueses) do rapto dos índios, e era tido o ofício de salteá-los por valentia, e por ele eram os homens estimados"⁶.

Tal era o estado daqueles tempos! Que podemos nós ajuntar a essas citações? Tal era toda a indústria, arte e ciência dos primeiros habitantes portugueses das terras de Santa Cruz! Triste é sem dúvida a recordação dessa época em que o brasileiro, como lançado em terra estrangeira, duvidoso em seu próprio país vagava, sem que dizer

⁶ *Crônica da Companhia de Jesus*, Liv. I, p.56.

pudesse: isto é meu, neste lugar nasci! Envergonhava-se de ser brasileiro, e muitas vezes com o nome de português se acobertava para ao menos aparecer como um ente da espécie humana e poder alcançar um emprego no seu país. Destarte, circunscrito em tão curto estádio, estranho à nacionalidade e sem o incentivo da glória, ia este povo vegetando oculto, e arredado da civilização.

Quem não dirá que Portugal com esse sistema opressor só curava de atenuar e enfraquecer essa imensa colônia, porque conhecia sua própria fraqueza e ignorava seus mesmos interesses? Quem não dirá que ele temia que a mais alto ponto o Brasil se erguesse e lhe ofuscasse a glória? Assim é que um bárbaro senhor algema seu escravo, receoso que ele lhe fuja e só lhe desprende os braços para seu serviço em rústicos trabalhos. A economia política tem combatido vitoriosamente o erro que desde muito grassava na política, que um povo não pode prosperar senão à custa de outro povo, e com sacrifício de tudo que o rodeia; política essa que à imitação dos romanos e de todos os povos dos baixos tempos, Portugal exerceu sobre o Brasil.

O tempo sancionou as verdades que a história e a memória recente dos fatos nos recordam, e o tempo, prosseguindo em sua marcha, irá mostrando qual o destino que a providência tem marcado a esse Império da América. A Deus não praza que esse perigoso fermento que entre nós gira, esse gérmen de discórdia, ressaibo ainda de não apurada educação, e sobretudo a escravidão, tão contrária ao desenvolvimento da indústria e das artes, e tão perniciosa à moral, não empecem sua marcha e engrandecimento.

Parecerão talvez estas considerações fora do objeto a que nos propomos; mas intimamente a ele se ligam e o explicam. Ainda uma vez e por outras palavras diremos que o nosso propósito não é traçar cronologicamente as biografias dos autores brasileiros, mas sim a história da literatura do Brasil; que toda história, como todo drama, supõe uma cena, atores, paixões, e um fato que progressivamente se

desenvolve, que tem sua razão e um fim; sem estas condições não há história, nem drama.

Através das espessas trevas em que se acham envolvidos os homens neste continente americano, viram-se alguns espíritos superiores brilhar de passagem, bem semelhantes a essas luzes errantes que o peregrino admira em solitária noite nos desertos do Brasil; sim eles eram como pirilampos que no meio das trevas fosforeiam. E poder-se-á com razão acusar o Brasil de não ter produzido inteligências de mais subido quilate? Mas que povo escravizado pôde cantar com harmonia, quando o retinido das cadeias e o ardor das feridas sua existência torturam? Que colono tão feliz, ainda com o peso sobre os ombros, e curvado sobre a terra, a voz ergueu no meio do universo, e gravou seu nome nas páginas da memória? Quem não tendo a consciência da sua livre existência, só rodeado de cenas de miséria, pôde soltar um riso de alegria e exalar o pensamento de sua individualidade? Não; as ciências, a poesia e as belas artes, filhas da liberdade, não são partilhas do escravo; irmãs da glória fogem do país amaldiçoado onde a escravidão rasteja, e só com a liberdade habitar podem.

Se refletirmos, veremos que não são poucos os escritores para um país que era colônia portuguesa; para um país onde ainda hoje o trabalho do literato, longe de assegurar-lhe com a glória uma independência individual e um título de mais ao reconhecimento público, parece ao contrário desmerecê-lo e desviá-lo da liga dos homens positivos, que desdenhosos dizem: é um poeta! Sem distinguir se apenas é um trovista ou um homem de gênio, como se dissessem: eis aí um ocioso, um parasita, que não pertence a este mundo; deixai-o com a sua mania.

Aí canta o poeta por mera inspiração celeste, por essa necessidade de cantar, para dar desafogo ao coração. Ao princípio cantava para honrar a beleza, a virtude e seus amores; cantava ainda para adormentar as amarguras da alma, mas logo que a ideia da

pátria apareceu aos poetas, começaram eles a invocá-la para objeto dos seus cânticos. Sempre porém como o peregrino no meio dos bosques, que vai cantando sem esperanças de recompensa, o poeta brasileiro não é guiado por nenhum interesse e só o amor mesmo da poesia e da pátria o inspira. Ele pode dizer como o épico português:

Vereis amor da pátria, não movido
De prêmio vil. ^{iv}

Se em total esquecimento muitos deles existem, provém isso em parte da língua em que escreveram, que tão pouco conhecida é a língua portuguesa na Europa, e principalmente em França, Inglaterra e Alemanha, onde mais alto soa o brado da fama e colossal reputação se adquire; em parte sobre nós deve recair a censura, que tão pródigos somos em louvar e admirar os estranhos, quão mesquinhos e ingratos nos mostramos para com os nossos, e deste jeito visos damos que nada possuímos. Não pretendemos que a esmo se louve tudo o que nos pertence, só porque é nosso; vaidade fora insuportável; mas por ventura vós que consumistes vossa mocidade no estudo dos clássicos latinos e gregos, vós que ledes Racine^v, Voltaire^{vi}, Camões^{vii} ou Filinto Elísio^{viii} e não cessais de admirá-los, muitas vezes mais por imitação que por própria crítica, dizei-me, apreciastes vós as belezas naturais de um Santa Rita Durão^{ix}, de um Basílio da Gama^x e de um Caldas^{xi}?

Toca ao nosso século restaurar as ruínas e reparar as faltas dos passados séculos. Cada nação livre reconhece hoje mais que nunca a necessidade de marchar. Marchar para uma nação é engrandecer-se moralmente, é desenvolver todos os elementos da civilização. É, pois, mister reunir todos os títulos de sua existência para tomar o posto que justamente lhe compete na grande liga social, como o nobre recolhe os pergaminhos da sua genealogia para na presença do soberano fazer-se credor de novas graças. Se o futuro só pode sair do presente, a grandeza daquele se medirá pela deste. O povo que se olvida a si mesmo, que ignora o seu passado, como o seu presente,

como tudo o que nele se passa, esse povo ficará sempre na imobilidade do império Indochinês.

Nada de exclusão, nada de desprezo. Tudo o que puder concorrer para o esclarecimento da história geral dos progressos da humanidade merecer deve a nossa consideração. Jamais uma nação poderá prever o seu futuro, se não conhece o que ela é comparativamente com que ela foi. Estudar o passado é ver melhor o presente, é saber como se deve marchar para um futuro mais brilhante. Nada de exclusão; a exclusão é dos espíritos apoucados, que em pequena órbita giram, sempre satélites, e só brilhantes de luz emprestada. O amante da verdade, porém, por caminhos não trilhados, em tudo encontra interesse e objeto de profunda meditação; como o viajor naturalista que se extasia na consideração de uma florzinha desconhecida que o homem bronco tantas vezes vira com desprezo. O que era ignorado ou esquecido romperá destarte o envoltório de trevas e achará devido lugar entre as coisas já conhecidas e estimadas.

Depois de tantos sistemas exclusivos, o espírito eclético anima o nosso século; ele se levanta como um imenso colosso vivo, tendo diante dos olhos os anais de todos os povos, em uma mão o archote da filosofia aceso pelo gênio da investigação, com a outra aponta a esteira luminosa onde se convergem todos os raios de luz, escapados do brandão que sustenta. - Luz e progresso: eis sua divisa.

Não, oh Brasil, no meio do geral movimento tu não deves ficar imóvel e apático, como o colono sem ambição e sem esperanças. O gérmen da civilização, lançado em teu seio pela Europa, não tem dado ainda os frutos que devia dar; vícios radicais têm tolhido seu desenvolvimento. Tu afastaste de teu colo a mão estranha que te sufoca; respira livremente, cultiva com amor as ciências, as letras, as artes e a indústria e combate tudo o que entrevá-las pode.

III

Não se pode lisonjear muito o Brasil de dever a Portugal sua primeira educação; tão mesquinha foi ela que bem parece ter sido dada por mãos avaras e pobres; contudo boa ou má dele herdou, e o confessamos, a literatura e a poesia, que chegadas a este terreno americano não perderam o seu caráter europeu. Com a poesia vieram todos os deuses do paganismo, espalharam-se pelo Brasil, e dos céus, e das florestas, e dos rios se apoderaram.

A poesia brasileira não é uma indígena civilizada; é uma grega vestida à francesa e à portuguesa, e climatizada no Brasil; é uma virgem do Hélicon^{xii} que, peregrinando pelo mundo, estragou seu manto, talhado pelas mãos de Homero^{xiii}, e sentada à sombra das palmeiras da América, se apraz ainda com as reminiscências da pátria, cuida ouvir o doce murmúrio da Castália^{xiv}, o trépido sussurro do Lodon e do Ismeno^{xv}, e toma por um rouxinol o sabiá que gorjeia entre os galhos da laranjeira. Enfeitiçados por esse nume sedutor, por essa bela estrangeira, os poetas brasileiros se deixaram levar por seus cânticos, e olvidaram a simples imagem que uma natureza virgem com tanta profusão lhes oferecia. Semelhante à Armida^{xvi} de Tasso, cuja beleza, artifícios e doces palavras atraíram, e desorientaram os principais guerreiros do exército cristão de Gofredo^{xvii}. É rica a mitologia, são belíssimas as suas ficções, mas à força de serem repetidas e copiadas vão sensivelmente desmerecendo; além de que, como o pássaro da fábula, despimos nossas plumas para nos apavonar com velhas galas que nos não pertencem. Em poesia requer-se mais que tudo invenção, gênio e novidade; repetidas imitações o espírito esterilizam, como a muita arte e preceitos tolhem e sufocam o gênio. As primeiras verdades da ciência, como os mais belos ornamentos da poesia, quando a todos pertencem, a ninguém honram. O que mais dá realce e nomeada a alguns dos nossos poetas não é certamente o uso dessas cediças fábulas, mas sim outras belezas naturais, não colhidas nos livros, e

que só o céu da pátria lhes inspirara. Tão grande foi a influência que sobre o engenho brasileiro exerceu a grega mitologia, transportada pelos poetas portugueses, que muitas vezes poetas brasileiros se metamorfoseiam em pastores da Arcádia e vão apascentar seus rebanhos imaginários nas margens do Tejo e cantar à sombra das faias.

Mas há no homem um instinto oculto que o dirige, a despeito dos cálculos da educação e de tal modo o aguilha esse instinto que em seus atos imprime um certo caráter de necessidade, a que chamamos ordem providencial ou natureza das coisas. O homem, colocado diante de um vasto mar ou no cume de uma alta montanha, ou no meio de uma virgem e emaranhada floresta, não poderá ter por longo tempo os mesmos pensamentos, as mesmas inspirações, como se assistisse aos olímpicos jogos ou na pacífica Arcádia^{xviii} habitasse. Além dessas materiais circunstâncias, variáveis nos diversos países, que muito influem sobre a parte descritiva e caráter da paisagem poética, um elemento há sublime por sua natureza, poderoso por sua inspiração, variável, porém, quanto a sua forma, base da moral poética, que empluma as asas do gênio, que o inflama e fortifica, e através do mundo físico o eleva até Deus; esse elemento é a religião.

Se sobre tais pontos meditassem os primeiros poetas brasileiros, certo que logo teriam abandonado essa poesia estrangeira que destruía a sublimidade de sua religião, paralisava-lhe o engenho, e os cegava na contemplação de uma natureza grandiosa, reduzindo-os afinal a meros imitadores. Não, eles não meditaram, nem meditar podiam; no princípio das coisas obra-se primeiro como se pode, a reflexão vem mais tarde. Acreditava-se então que mitologia e poesia era uma e a mesma coisa. O instinto porém e a razão mais esclarecida os foram guiando e, posto que lentamente, as encanecidas montanhas da Europa se humilharam diante das sempre verdes e alterosas montanhas do Novo Mundo; a virgem homérica,

semelhante à convertida esposa de Eudoro^{xix}, abraça o Cristianismo, e, neófita ainda, mal iniciada nos misteriosos arcanos de sua nova religião, resvala às vezes, e no enlevo da alma, no meio de seus sagrados cânticos se olvida e adormentada sonha com as graciosas mentiras que o berço lhe embalaram. Não, ela não pode ainda, posto que naturalizada na América, esquecer-se dos sacros bosques do Parnaso, a cuja sombra se recreara desde o albor de seus anos. Dirias que ela é combatida pela moléstia da pátria e que nos assomos da nostalgia à Grécia transportada se julga, e com seus deuses delira; saudosa moléstia que só o tempo curar pode. Mas enfim é já um passo, e praza ao céu que a conversão seja completa, e que os vindouros vates brasileiros achem no puro céu da sua pátria um sol mais brilhante que Febo^{xx} e angélicos gênios que os inspirem mais sublimes que as Piérides^{xxi}.

Se compararmos o atual estado da civilização do Brasil com o das anteriores épocas, tão notável diferença encontraremos como se entre o fim do século passado e o nosso tempo presente ao menos um século mediara. Devido é isso a causas que ninguém ignora. Com a expiração do domínio português muito se desenvolveram as ideias. Hoje o Brasil é filho da civilização francesa e como nação é filho dessa revolução famosa que abalou todos os tronos da Europa e repartiu com os homens a púrpura e os cetros dos reis.

O gigante^{xxii} da nossa idade mandou o susto com as suas baionetas até à extremidade da Península Ibérica e o neto dos Afonsos, aterrorizado como um menino, temeu que o braço vitorioso do árbitro dos reis cair fizesse sobre sua cabeça o palácio dos seus avós. Ele foge e com ele toda a sua corte; deixam o natal país, atravessam o oceano e trazem ao solo brasileiro o aspecto novo de um rei e os restos de uma grandeza sem brilho. Eis aqui como o Brasil deixou de ser colônia, e foi depois elevado à categoria de Reino Unido. Sem a Revolução Francesa, que tanto esclareceu os povos, esse passo tão cedo se não daria. Com esse fato abriu-se para o

Brasil uma nova série de coisas favoráveis ao seu rápido desenvolvimento, tornando-se o Rio de Janeiro a sede da Monarquia. Aqui para a primeira época da sua história. Começa a segunda, em que, colocado o Brasil em mais larga estrada, se apresta para conquistar a liberdade e a independência, consequências necessárias da civilização.

Os acontecimentos notáveis da História do Brasil se apresentam neste século como espécies de contrapancadas ou ecos dos grandes fastos modernos da Europa. O primeiro, como vimos, devido foi à Revolução Francesa; o segundo à promulgação da constituição em Portugal, que apressou o regresso do rei D. João VI a Lisboa, deixando entre nós o herdeiro do trono. O Brasil já não podia então viver debaixo da tutela de uma metrópole, que de suas riquezas se nutrira, e pretendia reduzi-lo ao antigo estado colonial. A independência política tornou-se necessária; todos a desejavam, e impossível fora sufocar o grito unânime dos corações brasileiros ávidos de liberdade e de progresso. E quem pode opor-se à marcha de um povo que conhece a sua força e firma a sua vontade? A independência foi proclamada em 1822 e reconhecida três anos depois. A Providência mostrou mais tarde que tudo não estava feito! Cousas há que se não podem prever. Em 1830 caiu do trono da França o rei que o ocupava e no ano seguinte deu-se inesperadamente no Brasil análogo acontecimento! A coroa do Ipiranga que cingia a fronte do Príncipe português, reservado pela Providência para ir assinalar-se na terra pátria, passou à fronte de seu filho, o jovem Imperador, que fora ao nascer bafejado pelas auras americanas e pelo sol dos trópicos aquecido.

De duas distintas partes consta a história do Brasil: compreende a primeira os três séculos coloniais; e a segunda o curto período que decorre desde 1808 até os nossos dias. Examinemos agora quais são os escritores desses diversos tempos, o caráter e o progresso que mostra a nossa literatura.

No século décimo sexto, que é o do descobrimento, nenhum escritor brasileiro existiu de que tenhamos notícia. No seguinte século alguns aparecem poetas e prosadores dos quais trataremos mais em particular em um capítulo separado, limitando-nos agora a dizer em geral que, fundando-se as primeiras povoações do Brasil debaixo dos auspícios da religião e pelos esforços dos jesuítas, a literatura nesse século mostra notável propensão religiosa, principalmente a prosa, que toda consiste em orações sagradas.

É no século XVIII que se abre verdadeiramente a carreira literária para o Brasil, sendo a do século anterior tão minguada que apenas serve para a História. Os moços que no século passado iam à Europa colher os frutos da sapiência traziam para o seio da pátria os germens de todas as ciências e artes; aqui benigno acolhimento achavam nos espíritos ávidos de saber. Destarte se espalhavam as luzes, posto que a estrangeiros e a livros defendido fosse o ingresso no país colonial. Os escritos franceses começaram a ser apreciados em Portugal; suas ideias se comunicaram ao Brasil; dilataram-se os horizontes à inteligência; todos os ramos da literatura foram cultivados, e homens de subida têmpera mostraram que os nascidos nos incultos sertões da América podiam dilatar seu voo até as margens do Tejo e emparelhar com as Tágides^{xxiii} no canto.

No começo do século atual, com as mudanças e reformas que têm experimentado o Brasil, novo aspecto apresenta a sua literatura. Uma só ideia absorve todos os pensamentos, uma ideia até então quase desconhecida: é a ideia da pátria, ela domina tudo, e tudo se faz por ela, ou em seu nome. Independência, liberdade, instituições sociais, reformas políticas, todas as criações necessárias em uma nova nação, tais são os objetos que ocupam as inteligências, que atraem a atenção de todos e os únicos que ao povo interessam.

Tem-se notado, e com razão, que contrárias à poesia são as épocas revolucionárias; em tais crises a poesia, que nunca morre, só fala a linguagem enfática do entusiasmo e das paixões patrióticas: é

a época dos Tirteus^{xxiv}. Mas longe estamos por isso de amaldiçoar as revoluções que regeneram os povos; reconhecemos sua missão na história da humanidade; elas são úteis, porque meios são indispensáveis para o progresso do gênero humano, e até mesmo para o movimento e progresso literário. É verdade que quando elas agitam as sociedades para um pouco e desmaiar parece a cansada literatura; mas é para de novo continuar mais bela e remozada na sua carreira, como o viajor se recolhe e repousa assustado quando negras nuvens trovejam e ameaçam propínqua tempestade, mas, finda a tormenta, continua a sua marcha, gozando da perspectiva de um céu puro e sereno, de um ar mais suave e de um campo por fresca verdura esmaltado.

Aqui terminaremos a vista geral sobre a história da literatura do Brasil, dessa literatura sem um caráter nacional pronunciado, que a distinga da portuguesa. Antes porém de entrarmos na exposição e análise dos trabalhos dos nossos primeiros escritores, uma questão se levanta e requer ser aqui tratada, questão toda concernente ao país e aos seus indígenas.

IV

Pode o Brasil inspirar a imaginação dos poetas e ter uma poesia própria? Os seus indígenas cultivaram porventura a poesia?

Tão geralmente conhecida é hoje esta verdade, que a disposição e caráter de um país grande influência exerce sobre o físico e o moral dos seus habitantes, que a damos como um princípio, e cremos inútil insistir em demonstrá-lo com argumentos e fatos, por tantos naturalistas e filósofos apresentados. Aí estão Buffon^{xxv} e Montesquieu^{xxvi} que assaz o demonstram. Ainda hoje, poetas europeus vão beber no Oriente as suas mais belas inspirações;

Byron^{xxvii}, Chateaubriand^{xxviii} e Lamartine^{xxix} sobre seus túmulos meditaram. Ainda hoje se admira o tão celebrado céu da Grécia e da Itália, o céu que inspirou a Homero^{xxx} e a Píndaro^{xxxi}, e o que inspirou a Virgílio^{xxxii} e Horácio^{xxxiii}. Vimos esse céu que cobre as ruínas do Capitólio^{xxxiv} e do Coliseu^{xxxv}; sim, é belo esse céu, mas o do Brasil não lhe cede em beleza! Falem por nós todos os viajores que, por estrangeiros, não os tacharão de suspeitos. Sem dúvida que eles fazem justiça; e o coração do brasileiro, não tendo por hora muito do que se ensoberbeça quanto às produções das humanas fadigas, que só com o tempo se acumulam, enche-se de prazer, e palpita de satisfação, lendo as brilhantes páginas de Langsdorff^{xxxvi}, Neuwied^{xxxvii}, Spix et Martius^{xxxviii}, Saint-Hilaire^{xxxix}, Debret^{xl} e de tantos outros viajores que revelaram à Europa as belezas da nossa pátria.

Este imenso país da América, situado debaixo do mais belo céu, cortado de tão pujantes rios, que sobre leitos de ouro e de preciosas pedras rolam suas águas caudalosas; este vasto terreno revestido de eternas matas onde o ar está sempre embalsamado com o perfume de tão peregrinas flores que em chuveiros se despençam dos verdes dosséis formados pelo entrelaçamento de ramos de mil espécies; estes desertos remansos, onde se anuncia a vida pela voz estrepitosa da cascata que se despenha; pelo doce murmúrio das auras, e por essa harmonia grave e melancólica de infinitas vozes de aves e de quadrúpedes; este vasto Éden, entrecortado de enormíssimas montanhas sempre esmaltadas de copada verdura, em cujos topos o homem se crê colocado no espaço, mais perto do céu que da terra, vendo debaixo de seus pés desenrolar-se as nuvens, roncar as tormentas e rutilar o raio; este abençoado Brasil com tão felizes disposições de uma pródiga natureza, necessariamente devia inspirar os seus primeiros habitantes; os brasileiros músicos e poetas nascer deviam. E quem o duvida? Eles o foram e ainda o são.

Por alguns escritos antigos sabemos que algumas tribos indígenas se avantajavam pelo talento da música e da poesia, entre todas os Tamoios, que no Rio de Janeiro habitavam, eram os mais talentosos. Em seus combates, inspirados pelas cenas que os rodeavam, repetiam hinos guerreiros, com que acendiam a coragem nas almas dos combatentes e, nas suas festas, cantavam em coros alternados de música e dança cantigas herdadas de seus maiores.

Em um manuscrito antigo, cujo autor ignoramos quem seja⁷, lemos o seguinte: “São havidos estes Tamoios por grandes músicos entre o gentio e bailadores, os quais são mui respeitados dos gentios por onde quer que vão”. Não era só a tribo dos Tamoios que se distinguia pelo gênio musical e poético; também os Caetés, e ainda mais os Tupinambás, que em paz viviam com os primeiros e pela língua e costumes mais com aqueles se assemelhavam. No mesmo manuscrito, lemos ainda: “Os Tupinambás se prezam de grandes músicos, e a seu modo cantam com sofrível tom, os quais têm boas vozes, mas todos cantam por um tom, e os músicos fazem motes de improviso, e suas voltas, que acabam no consoante do mote, os quais cantam e bailam juntamente em roda.”

Do respeito religioso que tais bárbaros consagram aos seus homens inspirados uma prova nos dá o mesmo autor, dizendo: “Entre os gentios são os músicos muito estimados, e por onde quer que vão são bem agasalhados, e muitos atravessam já o sertão por entre os seus contrários sem lhes fazerem mal”.

Tal veneração os seus cantores lembra-nos esses trovadores que, de país em país, peregrinavam e ante os quais se abriam as portas dos castelos dos senhores da Idade Média; e ainda a respeitosa magnanimidade do grande conquistador antigo para a família do Lírico grego. É que à poesia e à música é dado o

⁷ *Roteiro do Brasil*, manuscrito pertencente à Biblioteca Imperial de Paris. Foi depois impresso em 1851, e com razão atribuído a Gabriel Soares pelo Sr. Varnhagen, que o comentou e o deu à luz no Rio de Janeiro.

assenhorear-se da liberdade humana, vibrar as fibras do coração, abalar e extasiar o espírito. Por meio dessas duas potências sabiamente empregadas pelos jesuítas missionários do Brasil, os selvagens abandonavam os seus bosques e se amoldavam ao cristianismo e à civilização⁸. Só as teorias de alguns homens que se inculcam de positivos e mal estudam a natureza, desmerecer podem a importância social dessas duas irmãs e apenas considerá-las como meras artes de luxo e de recreação de ociosos. Mas não é nosso intento agora tecer o panegírico da poesia e da música.

Os apóstolos do Novo Mundo, tão solícitos entre os indígenas do Brasil, na propaganda da fé católica, compunham e traduziam em língua túpica alguns hinos da Igreja, para substituir aos seus cânticos selvagens; mas não consta que se dessem ao trabalho de recolher ou de verter em língua portuguesa os cânticos dos Índios. Posto que nenhum documento sobre isso tenhamos, contudo, talvez a todo tempo alguns se encontrem na poeira das bibliotecas conventuais, com especialidade nas da Bahia. Que precioso monumento para nós não fora desses povos incultos, que quase têm desaparecido da superfície da terra, sendo tão amigos da liberdade que, para evitar o cativeiro, caíam, de preferência, debaixo dos arcabuzes dos portugueses, que tentavam submetê-los ao seu jugo tirânico! Talvez tivessem eles de influir na atual poesia brasileira, como os cânticos

⁸ A respeito de fatos dos passados séculos nada podemos alegar sem documentos. Em Simão de Vasconcelos lemos o seguinte: _ estavam estes (os filhos dos selvagens) já bastantemente instruídos na fé, ler, escrever e contar: foi traça de José (de Anchieta) que viessem esses meninos para os campos incorporar-se com seus discípulos em favor e ajuda dos pais, com o efeito que logo veremos. Continuavam esses na nova aldeia sua escola, ajudavam a beneficiar os ofícios divinos em canto de órgão, e instrumentos músicos, o maior gosto e incitamento que podia haver para os pais, que já ali estavam, vindos dos seus sertões. Espalhavam-se à noite pelas casas de seus parentes a cantar as cantigas pias de José em própria língua, contrapostas as que eles costumavam cantar vãs e gentílicas. *Vida do P. José de Anchieta* cap. VI, p. 29.

dos bardos^{xii} influíram na poesia do Norte da Europa, harmonizando seus melancólicos acentos com a sublime gravidade do Cristianismo.

Do que fica dito podemos concluir que o país se não opõe a uma poesia original, antes a inspira. Se até hoje a nossa poesia não oferece um caráter inteiramente novo e particular, é porque os nossos poetas, dominados pelos preceitos, se limitaram a imitar os antigos, que, segundo diz Pope^{xiii}, é imitar mesmo a natureza, como se a natureza se ostentasse a mesma em todas as regiões, e diversos sendo os costumes, as religiões e as crenças, só a poesia não pudesse participar dessa variedade, nem devesse exprimi-la. Faltou-lhes a força necessária para se despojarem do jugo dessas leis arbitrarias dos que se arvoram em legisladores do Parnaso^{xiii}. Depois que Homero, inspirado pelo seu próprio gênio, sem apoio de alheia crítica, se elevou à grandeza da epopeia, criação sua, e Píndaro do mesmo modo à sublimidade da lírica, vieram então os críticos e estabeleceram regras. Convém, é certo, estudar os antigos e os modelos dos que se avantajaram nas diversas composições poéticas, mas não escravizar-se pela cega imitação. "O poeta independente", diz Schiller^{xiv}, "não reconhece por lei senão as inspirações de sua alma e, por soberano, o seu gênio". Só pode um poeta chamar-se grande se é original, se de seu próprio gênio recebe as inspirações. O que imita alheios pensamentos, nada mais é que um tradutor salteado, como é o tradutor um imitador seguido, e igual é o mérito de ambos; e por mais que se esforcem, por mais que com os seus modelos emparelhem, ou mesmo que os superem, pouca glória por isso lhes toca, tendo só afinal aumentado a daqueles.

Como não estudamos a história só com o único fito de conhecer o passado, mas sim com o fim de tirar úteis lições para o presente; assim no estudo do que chamamos modelos não nos devemos limitar à sua reprodução imitativa. A estrada aberta pelos nossos ilustres maiores, que podemos considerar em caracol em uma montanha, ainda não tocou a seu cume; se aspiramos chegar a ele, o mais

seguro caminho é trilhá-la, mas com cuidado que nos não deixemos encantar pela harmonia das vozes dos cisnes que a ladeiam. Ouvindo-os para adoçar a fadiga, admirando-os, porém marchando sempre, empenhemo-nos em nos adiantar nessa estrada. Se faltos de força em seu meio ficarmos, quem nos preceder, desejando prosseguir, nos arredará; cairemos, e certas aves mordazes, que pelo caminho esvoaçam, que nada cantam, mas de tudo grasnam, contentes com a nossa queda, se amontoarão sobre nós, tomando-nos por objeto de sua zombaria. Como é encantada essa estrada! De um lado e de outro essas aves nos gritam: “tomai por esta parte; não passeis adiante, que vos arriscais a cair; à direita; à esquerda!” Se as escutamos, se nos não guiamos pelo nosso gênio, grande é o risco, infalível a queda.

Quanto a nós, a nossa convicção é que – nas obras do gênio o único guia é o gênio; que mais vale um voo arrojado deste, que a marcha refletida e regular da servil imitação.

1836

ⁱ Torquato Tasso foi um poeta italiano, contemporâneo de Ariosto, do século XVI, conhecido pelo

ⁱⁱ Na mitologia grega era um deus-rio da Arcádia.

ⁱⁱⁱ “De fato frequentemente em uso impuros e profanos/ Confundem duas leis tão pouco conhecidas.”

^{iv} Dedicatória a D. Sebastião. (Os Lusíadas, I, 10, 1-2).

^v Jean Baptiste Racine foi um poeta trágico, dramaturgo, matemático e historiador francês.

^{vi} François Marie Arouet, mais conhecido como Voltaire, foi um escritor, ensaísta, deísta e filósofo iluminista francês.

^{vii} Luís Vaz de Camões foi um poeta de Portugal, considerado uma das maiores figuras da literatura em língua portuguesa e um dos grandes poetas do Ocidente.

^{viii} Filinto Elísio foi um poeta e tradutor português do Neoclassicismo.

^{ix} Frei José de Santa Rita Durão foi um religioso agostiniano brasileiro do período colonial, orador e poeta. É também considerado um dos precursores do indianismo no Brasil.

^x José Basílio da Gama foi um poeta luso-brasileiro que escrevia sob o pseudônimo Termino Sipílio. Celebre por seu poema épico O Uruguai, de 1769, e investido como patrono da cadeira 4 da Academia Brasileira de Letras.

^{xi} António Pereira Sousa Caldas foi um sacerdote católico, poeta e orador sacro brasileiro, além de autor de diversas obras líricas de carácter filosófico.

^{xii} Monte Hélicon é uma montanha na região de Téspias, na Beócia, Grécia, celebrada na mitologia grega.

^{xiii} Homero foi um poeta épico da Grécia Antiga, ao qual tradicionalmente se atribui a autoria dos poemas épicos *Iliada* e *Odisseia*.

^{xiv} Castália é o nome de uma náiade (uma ninfa aquática) que foi transformada por Apolo em nascente de água, perto de Delfos (a Fonte de Castália) e na base do Monte Parnaso. Castália inspirava o gênio poético daqueles que bebesssem das suas águas ou ouvissem o movimento das suas águas

^{xv} Lodon e Ismeno: fontes mitológicas da Grécia antiga.

^{xvi} Armida foi uma das mais belas e sedutoras heroínas de Jerusalém libertada por Torquato Tasso, a qual, com seus encantos e magias, retinha longe a hoste dos cruzados, o belo Reinaldo se afasta da peleja para viver os amores com Armida em seus jardins enquanto Solimão tiraniza os cristãos (criando-se assim uma espécie de Aquiles cristão). Alude-se muitas vezes aos jardins e aos palácios de Armida e invoca-se este nome para designar uma mulher que fascina pelas graças e encantos.

^{xvii} Goffredo Mameli dei Mannelli, poeta e patriota italiano. Filho de um almirante, nascido em Gênova, onde seu pai comandava a frota do Reino de Sardenha.

^{xviii} Arcádia é uma unidade regional da Grécia, localizada na península do Peloponeso, ao sul do país. Faz parte da região do Peloponeso. Sua capital é a cidade de Tripolis. O nome remete ao semideus Arcas, filho de Zeus e da ninfa Calisto.

^{xix} Cimódoce, esposa de Eudoro, nos Mártires de Chateaubriand.

^{xx} Deus romano que personificava a luz; deus das músicas e o mais belo de Roma.

^{xxi} As piérides (poesia) eram nove ninfas que tinham o dom do canto.

^{xxii} Referência a Napoleão Bonaparte, o “árbitro dos reis” que provoca a fuga de D. João IV – o “neto dos Afonsos” – para o Brasil.

^{xxiii} As Tágides são as ninfas do rio Tejo (em latim, *Tagus*) a quem Camões pede inspiração para compor a sua obra *Os Lusíadas*.

^{xxiv} Tirteu era um poeta lírico grego do século VII a.C. Com seus cânticos de guerra, incentivou a coragem espartana, levando-os à vitória por ocasião da Segunda Guerra Messênia. Tirteu escreveu duas espécies de poesia: cantos de guerra e elegias em dialeto jônico.

^{xxv} Georges-Louis Leclerc, conde de Buffon foi um naturalista, matemático e escritor francês. As suas teorias influenciaram duas gerações de naturalistas, entre os quais se contam Jean-Baptiste de Lamarck e Charles Darwin.

^{xxvi} Charles-Louis de Secondat, barão de La Brède e de Montesquieu, conhecido como Montesquieu, foi um político, filósofo e escritor francês. Ficou famoso pela sua teoria da separação dos poderes, atualmente consagrada em muitas das modernas constituições internacionais.

^{xxvii} Lord Byron foi um destacado poeta britânico e uma das figuras mais influentes do Romantismo, célebre por suas obras-primas,

^{xxviii} François-René de Chateaubriand, também conhecido como visconde de Chateaubriand, foi um escritor, ensaísta, diplomata e político francês que se imortalizou pela sua magnífica obra literária de carácter pré-romântico. Pela força da sua imaginação e o brilho do seu estilo, que uniu a eloquência ao colorido das descrições, Chateaubriand exerceu uma profunda influência na literatura romântica de raiz europeia, incluindo a lusófona.

^{xxix} Alphonse Marie Louis de Prat de Lamartine foi um escritor, poeta e político francês. Seus primeiros livros de poemas (*Primeiras Meditações Poéticas*, 1820 e *Novas Meditações Poéticas*, 1823) celebrizaram o autor e influenciaram o Romantismo na França e em todo o mundo.

^{xxx} Foi um poeta épico da Grécia Antiga, ao qual tradicionalmente se atribui a autoria dos poemas épicos *Iliada* e *Odisseia*.

^{xxxi} Foi um poeta grego, autor de "Epinícios" ou "Odes Triunfais", e autor também da célebre frase "*Homem, torna-te no que és*".

^{xxxii} Foi um poeta romano clássico, autor de três grandes obras da literatura latina, as *Éclogas* (ou *Bucólicas*), as *Geórgicas*, e a *Eneida*. Uma série de poemas menores, contidos na Appendix vergiliana, são por vezes atribuídos a ele.

^{xxxiii} Quinto Horácio Flaco foi um poeta lírico e satírico romano, além de filósofo. É conhecido por ser um dos maiores poetas da Roma Antiga.

^{xxxiv} Uma das sete colinas de Roma.

^{xxxv} Anfiteatro construído no período da Roma Antiga.

^{xxxvi} Georg Heinrich von Langsdorff, médico alemão naturalizado russo, que percorreu, entre os anos de 1824 a 1829, mais de dezesseis mil quilômetros pelo interior do Brasil, fazendo registros dos aspectos mais variados de sua natureza e sociedade, constituindo o mais completo inventário do Brasil no século XIX.

^{xxxvii} Foi um príncipe renano que esteve no Brasil no início do século XIX e aqui estudou a flora, a fauna e as populações indígenas. Foi um naturalista, etnólogo e explorador alemão.

^{xxxviii} Carl Friedrich Philipp von Martius foi um médico, botânico, antropólogo e um dos mais importantes pesquisadores alemães que estudaram o Brasil, especialmente a região da Amazônia. Ele chegou ao Brasil fazendo parte da comitiva da grã-duquesa austríaca Leopoldina, que viajava para o Brasil para casar-se com Dom Pedro I. Nessa mesma expedição veio o cientista Johann Baptiste von Spix (1781-1826) que, juntamente com Martius, recebera da Academia de Ciências da Baviera o encargo de pesquisar as províncias mais importantes do Brasil e formar coleções botânicas, zoológicas e mineralógicas. .

^{xxxix} Foi um botânico, naturalista e viajante francês. Viajou alguns anos pelo Brasil, tendo escrito importantes livros sobre os costumes e paisagens brasileiros do século XIX.

^{xl} Foi um pintor, desenhista e professor francês. Integrou-se à Missão Artística Francesa (1816), que fundou, no Rio de Janeiro, uma academia de Artes e Ofícios, mais tarde Academia Imperial de Belas Artes, onde lecionou pintura.

^{xli} Um bardo, na história antiga da Europa, era uma pessoa encarregada de transmitir as histórias, as lendas e poemas de forma oral, cantando a história de seus povos em poemas recitados. Era simultaneamente músico e poeta e, mais tarde, seria designado de trovador. É a principal raiz da música tradicional irlandesa. O bardo usava frequentemente um alaúde para tocar suas melodias e músicas, que contavam na maioria das vezes uma história triste.

^{xlii} Foi um dos maiores poetas britânicos do século XVIII.

^{xliv} Mais conhecido como Friedrich Schiller, foi um poeta, filósofo e historiador alemão. Schiller foi um dos grandes homens de letras da Alemanha do século XVIII, e juntamente com Goethe, Wieland e Herder é representante do Romantismo alemão e do Classicismo de Weimar.

Texto transcrito pela acadêmica Ruthi Machado, e anotado pelas acadêmicas Taize Giacomini e Ruthi Machado, do curso de Licenciatura em Letras da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus de Pato Branco, sob a orientação do professor Ulisses Infante. A ortografia foi atualizada segundo o Acordo Ortográfico de 1990. A pontuação e o uso de iniciais maiúsculas foram uniformizados de acordo com os padrões atuais.

Este trabalho integra o projeto “Diálogos Lusófonos: apontamentos de Gonçalves de Magalhães, Almeida Garrett e Alexandre Herculano para Crítica Literária no Brasil e em Portugal”. Este projeto conta com o apoio financeiro do CNPq. Em caso de citação deste texto, pede-se que se mencione o projeto de que faz parte e o apoio financeiro do CNPq.

O texto original se encontra no exemplar da obra *Opúsculos históricos e literários*, p. 239 – 271, de Domingos José Gonçalves de Magalhães, oferecido pela coleção

Brasiliana, da Universidade de São Paulo, cuja ficha completa se reproduz a seguir:

Autor: Araguaia, Domingos José Gonçalves de Magalhães, Visconde de, 1811-1882

Título: Opusculos historicos e litterarios

Local de Publicação: Rio de Janeiro : Livraria de B. L. Garnier

Ano de Publicação: 1865

Descrição Física: 397 p.

Idioma: Português

Direitos: Domínio público

Edição: 2 ed.

Assunto:

História do Brasil

Literatura brasileira

Coletânea

URI: <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/01088400>

Tipo: Livro

Conteúdo: Contém: Memória histórica da Revolução da Província do Maranhão; Os indígenas do Brasil perante a história; Discurso sobre a literatura no Brasil; Filosofia da religião; Biografia de Frei Francisco de Mont'Alverne; Porque envelhece o homem; O pavão; Amancia: novela; Ode a Dante; Hino dos bravos.

Referências bibliográficas:

BRANDÃO, Junito de Souza. *Dicionário Mítico Etimológico da Mitologia e da Religião Grega* - vol I. Petrópolis: Vozes, 1991.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Dicionário Mítico Etimológico da Mitologia e da Religião Grega* - vol II. Petrópolis: Vozes, 1992.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Dicionário Mítico Etimológico da Mitologia e da Religião Romana*. Petrópolis: Vozes, 1993.

BULFINCH, Thomas. *O livro da mitologia: histórias de deuses e heróis*. Tradução de Luciano Alves Meira. São Paulo: Martins Claret, 2006.

CANDIDO, A. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 6ª Ed. Belo Horizonte. Editora Itatiaia Ltda. 2000.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em:
< <http://www.priberam.pt> > Acesso em Dez/2013.

DUARTE, M, de F, D. *Primórdios do Nacionalismo Musical as "Ideias sobre a Música"* de Manuel de Araújo Porto-Alegre. In: Nitheroy:

Dossiê Especial - Volume I - Número 1 - Pato Branco - 2014

revista brasiliense, ciencias, letras e artes, t. 1, n. 01 e n. 02. Ana Beatriz Demarchi Barel (org.) Minerva Coimbra. 2006. p 107 a 115.

FRANCHETTI, P. Gonçalves de Magalhães e o Romantismo no Brasil. In: Revista de Letras. São Paulo. Jul/dez, 2006. p. 123.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

NITHEROY : revista brasiliense, ciencias, letras e artes, t. 1, n. 01 e n. 02, Paris, 1836. Disponível em:
<<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/03512810>>. Acesso em: SET/2012.